

O que os olhos não vêem...

A primeira coisa que notei no fim da manhã da última sexta - e qualquer um concordaria se tratar de uma peça de destaque na paisagem - foi o cão: um majestoso Golden Retriever, desses que só se vê nos comerciais. Eu não estava na rua, embora a ela me dirigisse com meu subchefe. Estava no subsolo do Edifício Cândido Mendes, recém-saído do elevador. Da direita para a esquerda, vinha ele trotando como que numa exposição.

Buscando encaixar o bicho no contexto executivo do lugar, vi que estava adiantado em relação a um casal jovem que ele vinha lentamente puxando. O homem, fardado, parecia trabalhar no local. A mulher, num gracioso vestido primaveril, solto onde devia, com grandes óculos escuros, hesitou à medida em que o homem fardado abria a porta do salão de beleza, não exatamente por cavalheirismo.

O animal adentrou guiando a dona que, graças a ele, não recorria ao uso da bengala para andar pelas ruas, embora fosse ainda moça e suas belas pernas sustentavam perfeitamente um corpo saudável de uns 30 anos. O que deixou-me bastante embaraçado foi saber que, naturalmente, tendo a audição mais sensível e aguçada graças à sua condição, a bela fora forçada a ouvir uma besta trocista gritar "Ih, olha lá, vai levar o cachorro pra fazer a unha! Alá, tá levando o cachorro pra fazer a unha, é mole?!".

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/o-que-os-olhos-nao-veem>